

Carta sobre Escrita – 14

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Eu não sei o que é a poesia. Mas o facto de não saber não implica que desista de procurar. Pelo contrário.

Uma coisa sei eu: poesia não é o mesmo que poema, porque pode haver muita poesia num texto em prosa.

Outra coisa também sei: poesia, e mesmo poema, não significa rima. Há muita poesia sem rima, até se chama de verso branco. E mesmo a rima pode ser pobre (ex: rimar “beleza” com “tristeza”, “paixão” com “coração”, entre dois substantivos ou palavras da mesma classe) ou rica (ex: rimar “sabiá”, uma ave, com “lá”, expressão de lugar). Há ainda quem classifique certas rimas de rara ou preciosa, mas não é este o lugar para falar disso. Há ainda rima perfeita e imperfeita, mas também não vamos falar disso.

Mais importante é o ritmo, a musicalidade do texto, mas também há poemas em que a musicalidade parece não ter sido preocupação do autor.

Poesia tem, portanto, de ser outra coisa. Mas dizer que coisa é ou deve ser torna-se bem mais complicado. Mas, sendo-o, não há razão para desistir.

Se eu disser “Vai a passar um automóvel na estrada”, a afirmação é prosaica, diz claramente e tudo o que quer dizer, não tem qualquer mistério – excepto talvez para quem nunca tenha visto um automóvel ou para quem queira saber quem ia lá dentro. A poesia, pelo contrário, nunca diz apenas aquilo que diz, o que diz remete sempre para outra coisa. Que coisa? Aquela que o leitor lá puser. Portanto, a poesia convoca o leitor a ser co-autor do texto que está a ler. E, pelo menos para já, a poesia é tanto mais poderosa quanto desafiar diferentes leitores e de diferentes tempos a partilharem esse texto através do seu poder de leitor-autor.

Vejamos um poema, “O sorriso”, de Eugénio de Andrade, neste ano do seu centenário.

*Creio que foi o sorriso,
O sorriso foi quem abriu a porta.
Era um sorriso com muita luz
Lá dentro, apetecia
Entrar nele, tirar a roupa, ficar
Nu dentro daquele sorriso.
Correr, navegar, morrer naquele sorriso.*

O texto é fácil na medida em que não tem palavras difíceis: sorriso, porta, luz, roupa... Todos sabemos o que querem dizer as palavras. Mas não somos capazes de afirmar de modo seguro o que “diz” o poema – porque o poema diz muito mais do que o significado imediato das palavras. Cada palavra diz muito mais do que parece dizer. Eu diria que a poesia é esse “muito mais” que as palavras trazem consigo por causa do modo como o autor as usa. Mas já vimos que esse “muito mais” é, em grande medida, colocado pelo leitor. Então, a poesia é o “poder”

de um texto para levar um leitor a fazer a sua parte do trabalho poético. Um leitor competente, disponível, participante. Porque se o leitor se abeirar do texto com um olhar rasteiro e disser algo como “Oh, onde é que já se viu um sorriso a abrir a porta?”, não é capaz de se elevar além do uso vulgar das palavras, por isso lhe chamei rasteiro.

Quando eu disse “Vai a passar um automóvel na estrada”, o texto é claro, na situação concreta em que o que foi dito estava a acontecer. Noutra situação qualquer (podemos imaginar?) a afirmação torna-se tola... ou poética, mas neste caso teria de ter um forte poder de significação para lá do texto e do contexto imediatos.

O poema de Eugénio de Andrade não tem a ver com uma situação concreta e particular. A literariedade de um texto é isso mesmo: o poder de um texto é independente de uma situação, pode ser apropriado pelo leitor em qualquer outra situação em que, ele, o leitor, o faça ter significado. Dito de outro modo: não interessa, no poema, qual o sorriso ou de quem é o sorriso de que fala o autor. Foi certamente alguém, mas isso não vem ao caso. O poema de Eugénio de Andrade não tem nada a ver com quem lhe ofereceu o dito sorriso. Dito de outro modo: quem sorriu e assim levou o autor a escrever o poema foi importante apenas para o autor. Talvez até o autor lhe tenha oferecido o manuscrito, não sabemos – nem interessa. O sorriso que importa é aquele em que, no momento ou na memória, alguém se abre ao leitor. Para mim, leitor, que sorriso? Talvez o da mulher por quem estou apaixonado, talvez o da mulher com quem vivo há anos e de quem recordo um primeiro sorriso que me abriu a porta do coração, talvez o de uma funcionária que num dos meus dias de nevoeiro interior (esta expressão é poética?) me iluminou o dia (esta expressão tem força poética? muita? pouca?) e... Cabe também a cada leitor dizer a si mesmo o que podem significar “correr, navegar, morrer naquele sorriso”. Eu diria que podem tudo, desde que o leitor tenha poder poético. A poesia é fecunda na medida em que é fecundante. Mas, para isso, o texto... não pode ser um qualquer texto, não pode ser o primeiro que vem à cabeça.

O trabalho poético, sim, trabalho, consiste em grande medida em construir, sim, construir, um texto com poder de gerar poesia nos seus leitores. Isso exige engenharia (expressão pouco poética), oficina, que começa pelo ato de viver, continua pelo exercício de escrever, e depois rever e... só termina quando está publicado, se é que termina, pois alguns autores passam a vida a corrigir, melhorar, os poemas há muito publicados. Porque o poeta ganha novas competências no ato de viver, no longo percurso de leitor e na aturada prática de escrita e de reescrita.

A qualidade de um bordado a ponto cruz verifica-se, em boa medida, observando o pano do avesso. Talvez valha a pena adoptar o mesmo método aqui. Deixo o registo de um poema à cidade onde habito.

*Abrantes, linda cidade
Como tu não há igual.
És a terra mais bonita
Deste nosso Portugal.*

Vejam. É um poema, com uma forma padronizada: uma quadra, isto é, uma estrofe de quatro versos. Cada verso com sete sílabas métricas, o que é também um padrão, embora de poesia popular. As sílabas tónicas estão certas, dando-lhe musicalidade. Podemos dizer que é um poema “tecnicamente” bem feito. Mas tem um problema: quanto a poesia, nada. Já foi reescrito uma centena de vezes a propósito de muitas cidades. Imaginemo-lo com as mesmas

palavras, mas dedicado às cidades de Lisboa, Coimbra, Covilhã (fica melhor com “bela cidade”... Ora, se repete o que “toda a gente já disse”, então não diz nada de significativo. É banal, gasto. Além disso, aquilo que diz fecha-se sobre a afirmação “eu gosto da minha cidade”, o que é mais ou menos geral, mas também suspeito: uma cidade é bela por ser minha? A quem for de outra terra não vai ser fácil reconhecer-se no poema. Ainda por cima diz que é “a mais bonita”, mas não dá uma única razão. É por ser minha? Talvez seja bonita para mim. Mas isso não dá ao poema qualquer valor, a não ser para mim. Sim, é um texto banal. Por mais que o sentimento seja verdadeiro não deve ser expresso por um texto destes. Mais vale estar calado. Talvez o primeiro autor que escreveu o texto original tenha feito um bom trabalho poético, se bem que popular, mas hoje... Percebe-se, talvez melhor, o que é e não é poesia? Para não terminar em modo negativo, voltemos ao bordado a ponto de cruz com o pano do direito. No caso, as duas primeiras estrofes de um longo poema sobre a minha cidade.

*Nuvens azuis,
rio branco.
Alfabeto de flores
com sol verde pendurado nas janelas.*

*Raiz de pedra,
torre.
Imagem de quem nasce
no horizonte.*

O Poema chama-se Zara (nem é o nome da cidade) e é do poeta José-Alberto Marques. Vê-se logo que é outra loiça, loiça fina. É isso: poesia é a criatividade com as palavras. Por isso o poeta faz-me ver a minha cidade com outros olhos, ou melhor, com os meus olhos iluminados pelo seu poema.

Fevereiro de 2023
José Alves Jana